



APRESENTAÇÃO – DOSSIÊ “FANTÁSTICO TRADICIONAL X FANTÁSTICO MODERNO”

Fábio Dobashi Furuzato¹

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Adrianna Alberti²

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Gregório Foganholi Dantas³

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Este dossiê da Revista **Primeira Escrita** é dedicado à literatura fantástica e, mais especificamente, à oposição que se convencionou chamar de “fantástico tradicional” *versus* “fantástico moderno”. Em síntese, tal oposição surge quando se iniciam os estudos teóricos mais sistematizados sobre essa expressão literária, com a *Introdução à literatura fantástica*, de Tzvetan Todorov, publicada pela primeira vez em 1970.

Para Todorov, o fantástico seria um gênero, inaugurado no século XVIII, com *O diabo enamorado*, de Jacques Cazotte, e que teria encontrado seu auge, no século XIX, com autores como Guy de Maupassant e Henry James. Na virada do século XIX para o XX, com o advento da Psicanálise e a crise dos fundamentos filosóficos que davam sustentação ao Realismo/Naturalismo, o fantástico – conforme foi descrito pelo teórico búlgaro – perderia sua razão de ser, dando lugar a outro tipo de narrativa do sobrenatural, com a publicação de *A metamorfose*, de Franz Kafka.

Uma vez que Todorov é bastante taxativo ao decretar o fim da literatura fantástica e que muitos discordam de suas considerações, convidamos os pesquisadores do tema a discutir, do ponto de vista teórico ou a partir da análise crítica de textos literários específicos, as características do fantástico moderno, em oposição ao tradicional.

Desse modo, o texto que abre o nosso dossiê, de autoria de Raquel Riera, propõe-se justamente a traçar um “Breve percurso teórico sobre o gênero fantástico”, examinando as principais ideias de autores como Todorov, David Roas, Jaime Alazraki e Filipe Furtado, dentre outros.

Na sequência, apresentamos “O fantástico moderno nas obras de Franz Kafka e de Murilo Rubião”, estudo crítico realizado em parceria de Juliana Cavalcante do Amaral e Flavio García, que analisa comparativamente a novela *A metamorfose*, do escritor tcheco, e a narrativa “Bárbara”, do contista mineiro.

Também numa abordagem comparativa – por sinal, bastante inusitada –, Paulo Custódio analisa “A sátira dos defuntos: Brás Cubas e Lester Burnham”, apontando semelhanças entre o romance de Machado de Assis e o filme *Beleza americana*, de Sam Mendes, a partir da figura do morto que conta sua própria história.

¹ É professor adjunto e membro do programa de pós-graduação ProfLetras da UEMS (Campo Grande - MS). E-mail: fabiodf@uems.br

² É doutorando no programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da UFMS. E-mail: adrianna.alberti@gmail.com

³ É professor associado e membro do programa de pós-graduação em Letras da UFGD. E-mail: gregoriодantas@ufgd.edu.br



O quarto artigo desta edição é “Teófilo Braga e a tradição do conto fantástico”, em que Jean Carlos Carniel nos apresenta uma face bem menos conhecida – e estudada – do autor português, cujo destaque se deve muito mais à sua contribuição para a historiografia e a crítica literárias.

O texto seguinte, de Lucas Bianconi Duarte Novais, apresenta-nos “A teoria de J. R. R. Tolkien frente o conto de fadas clássico”, em seus pontos essenciais, para depois analisar “A Gata Borralheira”, a partir dos aspectos teóricos formulados pelo autor de *O Senhor dos Anéis*.

Mantendo a relação com obras de romancistas britânicos, o próximo artigo do nosso dossiê, de Marcos Antonio Ferreira Alves, é “Um faz parte do outro: o Duplo em *A Bússola de Ouro*, de Philip Pullman”. A figura do “duplo”, como sabemos, é um tema recorrente na literatura fantástica, tendo chamado a atenção de psicanalistas como Otto Rank e do próprio Freud, que o explorou em seu célebre estudo “O estranho”, sobre o conto “O homem da areia”, de E. T. A. Hoffmann.

O sétimo artigo deste dossiê, de Débora Caroline Brauner, é “Abrasilando o mito: uma releitura do mito do vampiro em *Os sete* de André Vianco”. Brauner se baseia em trabalhos de Claude Lecoutex, Mauricio Menon e Bruno Merlendis Carvalho, para examinar como se dá a releitura desse personagem clássico da literatura fantástica e de terror/horror – o vampiro –, na obra do autor brasileiro.

Na sequência, trazemos “Colonização do campo, maternidade e antropoceno: alegorias políticas em *Distância de Resgate*”, em que Wibsson Ribeiro Lopes analisa o romance da escritora argentina Samantha Schweblin, com base numa proposta de interpretação alegórica de Fredric Jameson.

Nosso dossiê se conclui com “Novas efervescências do modo fantástico: a duplicação do tempo-espaço no episódio ‘Cidade dos gatos’ de *1Q84* de Haruki Murakami”. O texto, de autoria de Ananda Missailidis, analisa a narrativa do escritor japonês, trazendo à tona outro aspecto essencial aos estudos do fantástico, a saber, a questão sobre se é mais produtivo estudar essa expressão literária como um gênero ou um modo – discussão que daria margem, no mínimo, à proposição de um novo dossiê temático para esta revista.

Mas, voltando ao assunto da presente edição, agradecemos a todos que contribuíram para a sua realização – autores, pareceristas, editor –, considerando o resultado extremamente satisfatório, dada a diversidade de escritores analisados, das mais diversas nacionalidades e estilos, bem como às diferentes abordagens críticas e teóricas.

E desejamos que a leitura dos trabalhos aqui publicados seja tão enriquecedora quanto o foi para nós, os organizadores desta edição!